

DIANTE DA VIDA

Encarcerado, enfim, nas grades da memória,
Tudo tresanda em mim o sinistro bafio
Da torva escuridão a que me sentencio,
Na câmara de fel da sombra merencória.

Mocidade, ilusão, tudo é lodo e vanglória
Esbarrando na morte — horrendo desafio! —
Para a descida ao caos ignoto, imenso, frio,
E ser lama pensante, escória sob a escória.

- 9 O' minhalma infeliz, porque assim te sublevas?
10 Corvo triste da mágoa a crocitar nas trevas,
Volve em prece a dormir na paz inerme do ovo!

- 13 Sepulta, coração, no tremedal medonho,
A aflição derradeira e o derradeiro sonho
Para tudo esquecer e começar de novo!

(*) Não se identificando por óbvias razões, ensina-nos o poeta que, após a desencarnação, se carregamos frustrações e culpas, debalde procuraremos fugir às «grades da memória». Só a reencarnação, com efeito, representa a terapêutica ideal, quando teremos de «começar tudo de novo».

9. Notem-se os adjetivos usados pelo vate: *sinistro*, *torva*, *merencória*, *horrendo*, *ignoto*, *frio*, *infeliz*, *inerme*, *medonho* — indicativos todos de profundo sofrimento. Aliás, os próprios substantivos e verbos de todo o soneto dão-nos ideia do estado de espírito do aedo que, felizmente, está convicto de que, muito em breve, voltará ao educandário físico.

10. "corvo triste da mágoa" — bela imagem, conquanto negativa do ponto de vista espiritual.

13. "A aflição derradeira e o derradeiro sonho": Poliptoto — "Nome dado à FIGURA que resulta da repetição da mesma palavra em vários casos, graus, tempos e pessoas, etc." (Geir Campos, *Op. cit.*)



ESCUTA, CORAÇÃO

Cansado coração, pélago afora,
No peito infortunado, errante e aflito,
Sofre na carne o estranho sambenito
4 Das rudes provações de cada hora.

Ninguém perceba a mágoa do teu grito;
Persevera no amor, sangrando embora...
7 Além, no Grande Além, a Eterna Aurora
E' o porto de teus sonhos no Infinito.

(*) Depois de fazer os estudos secundários no Colégio Pedro II, não logrou o penumbrita do Simbolismo concluir o seu curso de Direito, centralizando toda a atenção no cultivo das letras, passando então a fundar e dirigir revistas quais **Rio-Revista**, **Galáxia**, **Mercúrio** e **Fon-Fon!**. O seu prestígio ficou evidenciado no primeiro concurso para a escolha do príncipe dos poetas brasileiros: MP classificou-se em terceiro lugar, logo abaixo de Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. Assinala Alceu Amoroso

Escala os topes ásperos da trilha,
Agradecendo o golpe que te humilha,
Onde vibres, tremendo de ansiedade.

- Ama e perdoa, coração, que, um dia,
13 Volitarás chorando de alegria
14 Na divina ascensão à Imensidão...



GASTÃO DE DEUS Vítor Rodrigues *



AGAPANTOS

roso Lima (*in Lit. no Brasil*, III, pág. 404) que a poesia de MP «é marcada por um profundo sentimento de espiritualidade, especialmente doméstica». (Rio de Janeiro, Gb, 2 de Novembro de 1867 — Rio de Janeiro, Gb, 8 de Fevereiro de 1915.)

BIBLIOGRAFIA: Agonia; Rondas Noturnas; Histórias do Meu Casal; Ao Léu do Sonho e à Mercê da Vida; etc.

4. Leia-se com hiato: *ca/da/ ho/ra*. Cf. do Autor, em *Agonia*, o poema "Natal D'Alva" (*apud* Rodrigo Octávio Filho, N. Cl. nº 29, pág. 24):

"Len/tos, /pri/mei/ros/ tons/ cas/tos/ e/ al/vos"; em *Rondas Noturnas*, soneto "Sonho — II", verso 8º: "Em/ ron/da es/pa/lhas/ pe/la/ Noi/te/ al/ta.;" em *Histórias do Meu Casal*, poema "Vida Simples": "To/da a/ro/ma/da/ de/jar/dins/ e/ hor/ta" (os dois últimos versos *in op. cit.*, respectivamente, páginas 26 e 30).

7. "Além, no Grande Além,...": Mesarquia — "Nome dado à FIGURA que resulta quando a mesma palavra é repetida no começo e no meio do VERSO ou período..." (Geir Campos, *Op. cit.*)

13. *Volitar*. O verbo *volitar* é aqui empregado não com o significado comum que os dicionários registram, mas exprimindo a capacidade que tem o Espírito de se locomover, por vezes, com a rapidez do pensamento, sem o auxílio de quaisquer veículos físicos.

14. E' bem a poesia do homem bom e otimista que, no dizer de Alvaro Moreira, "tanto sofreu e não desesperou nunca" (*apud* N. Cl., nº 29, páginas 96-97).

- 1 Enfim vencido... Na última canseira,
Cimo espinhoso de suplícios tantos,
3 Busquei, ansioso, a estrada de agapantos,
Que me fôra visão da vida inteira.

5 Tudo, porém, era neblina e poeira,
Misturadas de preces e acalantos,
Nênias da morte, hinários sacrossantos,
E a noite, a imensa noite derradeira...

(*) Poeta e prosador, Gastão de Deus, depois de cursar a Escola Normal de Paracatu, Minas, transferiu-se para Goiás, onde concluiu o curso jurídico na Faculdade de Direito do Estado. Advogou por algum tempo em sua terra natal, sendo colaborador do jornal *Goiás-Minas*, de que foi representante. Redator do vespertino überabense *Lavoura e Comércio* e Juiz de Direito em Anápolis. Afirma Veiga Netto (*Ant. Goiana*, pág. 93) que Gastão de Deus «nunca abandonou a pena, e foi sempre